



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

***SELEÇÃO DE TALENTOS NO ESPORTE:
estudo de caso do futebol em alguns clubes na
cidade de Campinas***

CAIO CEZAR OLIVEIRA SILVA



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



***SELEÇÃO DE TALENTOS NO ESPORTE:
estudo de caso do futebol em alguns clubes na
cidade de Campinas***

CAIO CEZAR OLIVEIRA SILVA

Monografia apresentada à disciplina
Seminário de Monografia II, como parte
integrante da avaliação para obtenção do
título em Bacharel em Treinamento em
Esportes, na Faculdade de Educação Física –
UNICAMP.

Orientação: Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

**Campinas
1999**

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. e amigo Paulo Cesar Montagner pela orientação pedagógica ao desenvolvimento desse trabalho, resultando sempre em debates de alto nível, surgindo assim uma relação de grande respeito mútuo e amizade.

Ao corpo docente e funcionários da Faculdade de Educação Física e da UNICAMP pela importante participação em minha formação acadêmica e pessoal.

Aos meus amigos de faculdade e extra-classe que, em nosso convívio diário, nas conversas, nas festas e principalmente nas horas de estudos, sempre me proporcionaram momentos de alegria e engrandecimento.

Finalmente, em agradecimento especial a minha família. Aos meus pais (Eloi e Ivany), aos meus irmãos (Classius e Glauco), as minhas avós (Maria e Rosária), aos meus tios, tias, primos e primas, que sempre me apoiaram e incentivaram durante toda minha vida.

RESUMO

Apesar das conquistas, e massificação da mídia, da gigantesca paixão nacional pelo nosso futebol, ainda que empiricamente isto possa ser uma realidade, existe pouco interesse na área acadêmica em saber como o processo de seleção de talentos é iniciado no nosso futebol. ⁴¹

Com o grande impacto sociocultural do futebol, milhares de crianças de origem humilde, mas generosas nos seus sonhos, passam diariamente pelos grandes e pequenos clubes brasileiros com a esperança de se tornarem craques. Sonhos que, invariavelmente sucumbem nas conhecidas “peneiras”, que se apresentam como forma mais tradicional de captação de recursos humanos para o futebol, onde muitas vezes terão que mostrar, num curto espaço de tempo, se são aptos - ou não - a prosseguirem no clube. ⁴²

Para elaborar este estudo, propôs-se discutir sobre a seleção de talentos no futebol, onde num primeiro momento, recorreremos aos estudos da Ciência do Esporte, buscando um entendimento melhor sobre o assunto. ⁴³

Num segundo momento, pesquisamos como funcionam as “peneiras” em alguns clubes de futebol na cidade de Campinas, indentificando características ambientais, o sistema de seleção; recursos humanos e observações particulares sobre o tema, traçando um paralelo entre a teoria e a prática, discutindo se existe uma relação coerente entre o nível de exigência preterido com as particularidades complexas do desenvolvimento humano na performance desportiva. Assim, podemos imaginar se não estaríamos, cada dia, deixando de revelar novos atletas, expondo que o sistema definido como “peneira” não observa características científicas presentes no processo de seleção. ⁴⁴

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVO	4
JUSTIFICATIVA	4

CAPÍTULO 1: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1- SELEÇÃO DE TALENTOS NO ESPORTE

Considerações gerais	6
Terminologia: seleção desportiva	6
Métodos de Seleção de Talentos	8

TALENTO E A PRÉ-DISPOSIÇÃO DESPORTIVA

9

Terminologia: talento	9
A Pré-Disposição Esportiva	10

PADRÃO UTILIZADO PARA A SELEÇÃO DE TALENTOS

16

A Performance Desportiva	16
Fatores do Modelo Multidimensional	18

1- Subdomínio Biológico	18
2- Subdomínio Biomecânico	19
3- Subdomínio Psicológico	20
3.1- Personalidade dos Atletas.....	21
4- Subdomínio Psicossocial	23

1.2- AS ETAPAS DA SELEÇÃO DE TALENTOS

Considerações Gerais	25
O Funcionamento Padrão de Etapas	26

Observações Sobre Sistemas Organizacionais Esportivos	28
AS QUALIDADES ESPECÍFICAS DO FUTEBOL	30
A) Habilidades do Futebol	31
B) Capacidades Motoras Básicas para o Futebol	31
C) A Integração das Habilidades	31
PROBLEMAS NA SELEÇÃO DE TALENTOS ESPORTIVOS	32
Prognose de Rendimento nos Jogos Esportivos Coletivos	33
Idade Cronológica e Idade Biológica	35
Ansiedade e Pressão	37

CAPÍTULO 2: PESQUISA DE CAMPO

2.1- METODOLOGIA	40
2.2- RESULTADOS E DISCUSSÕES	42
CLUBE A	42
CLUBE B	47
CLUBE C	50
2.3- ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS	54
2.4- DO SONHO À REALIDADE: REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO DO TÉCNICO	57

CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
-----------------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
---	----

ANEXO	66
--------------------	----

INTRODUÇÃO

Por todas as conquistas que o futebol brasileiro conseguiu até hoje, aliado a uma grande massificação da mídia sobre a modalidade e da gigantesca paixão nacional, temos em mente que o Brasil é o “país da chuteira”, o grande “celeiro de craques” e o único Tetra Campeão Mundial de Futebol. Ainda que empiricamente isto possa ser uma realidade, poucos são os estudos acadêmicos que interpretam essa realidade no futebol.

Com o grande impacto sociocultural deste esporte, milhares de crianças passam diariamente pelos grandes e pequenos clubes brasileiros com a esperança de se tornarem craques. Crianças na maioria das vezes de origem humilde, mas generosos nos seus sonhos, na ilusão de ganharem muito dinheiro, celular, casas, mulheres e carros importados. Sonhos que quase sempre sucumbem nas conhecidas “peneiras”¹, onde em um curto espaço de tempo, terão que mostrar se são aptos - ou não - a prosseguirem com seus sonhos...

Um caso bastante interessante e real é o caso de Marcos Evangelista de Moraes, onde lá pelos 11, 12 anos já chutava bola de meia pela rua usando chinelos, apostando: “... *o futebol nasceu comigo.*”² (p. 10).

O caso de Marcos Evangelista de Moraes é bastante interessante. Suas experiências em “peneiras” não foram das melhores. Só no São Paulo F. C. foi reprovado quatro vezes, sendo que, segundo o atleta menciona, na terceira ou na quarta tentativa o responsável pela

¹ “Peneira” no caso, é uma expressão popular, na qual um grande número de crianças e adolescentes passam por um processo de seleção em clubes de futebol.

² Matéria e entrevista na Revista do Palmeiras, ano 2, nº 16, 1996, p.p. 8 – 17.

“peneira” do clube o reconheceu, e não o deixou treinar.

Posteriormente foi reprovado em outros clubes, entre eles S. C. Corinthians P., A. Portuguesa D. e C. Atlético Mineiro. Porém persistiu, e afirma: *“Mas é que a minha vontade de ser jogador de futebol era enorme, muito maior do que as minhas dificuldades.”* (p. 10).

Com sua perseverança, o primeiro clube a abrir-lhe as portas foi o Nacional, ficando por um bom tempo neste clube de São Paulo e posteriormente emprestado ao Foz (PR) e, na sequência, Itaquaquecetuba (SP). A recompensa por sua dedicação veio com o próprio São Paulo F. C. em 1988.

Justamente no São Paulo F. C., que o havia rejeitado e vetado sua participação em épocas anteriores?

Com o tempo veio sua confirmação: bicampeão da Taça Libertadores da América 92/93; bicampeão Mundial Interclubes 92/93; tetra Campeão Mundial 94, entre outros títulos.

Marcos tem hoje 29 anos e é conhecido como *“Cafu”*, atualmente titular da Seleção Brasileira campeã do mundo em 1994 nos E.U.A., e reconhecido mundialmente pelo seu talento no futebol.

Além da simples entrevista na revista, constata-se uma grande relevância em questão: como um jogador de grande qualidade pôde não ter chamado a atenção em várias oportunidades nos quatro grandes clubes do nosso futebol? Será que o São Paulo F. C. apenas percebeu que *Cafu* tinha boas qualidades quando já estava com 18 anos?

Isso nos leva a uma reflexão: qual seria o perfil dos jogadores de futebol ambicionados nos processos de seleção nos diferentes segmentos do futebol. Um jogador inato, ou um adolescente que possui características naturais superiores aos outros de sua faixa etária, por ventura, bem “lapidado”, poderia com o tempo tornar-se craque?

Talvez o caso do *Cafu*, possa em um primeiro momento, nos levar acreditar que se não fosse sua perseverança pessoal, teríamos perdido um grande jogador, segundo as pessoas vinculadas ao esporte o consideram. É verdade que o número de crianças e adolescentes brasileiros que tentam ingressar na carreira de futebol é potencialmente significativo, mas pelo próprio fato da modalidade ser a mais praticada no país e o mesmo ser um já comprovado grande potencial de talentos, indagamos: será que esta seleção é feita de maneira coerente, com critérios no mínimo fundamentados pela Ciência do Esporte? Ainda que o critério da “experiência” deva ser respeitado, será que a mesma ciência predestina o talento com uma forma objetiva de identificação? Como seriam os métodos aplicados nas “peneiras”? Cientificamente sistematizados, somente empíricos? Por profissionais capacitados e bem instruídos por seus clubes?

O desenvolvimento do texto a seguir propõe interrogar esse processo, com a idéia de que não existe uma potencialização dos talentos esportivos no futebol, frutos de técnicas questionáveis usadas nas “peneiras”.

OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi discutir a seleção de talentos no futebol, tendo como critério alguns pontos definidos.

Em primeiro lugar, uma discussão teórica sobre o assunto pela Ciência do Esporte, em que se apresentam temas fundamentais para o entendimento do texto, entre eles: definição de talento e pré-disposição desportiva; seleção de talentos desportivos e padrões de mensuração; etapas teoricamente corretas na seleção; qualidades específicas do futebol que podem ser mensuráveis; e os problemas que de fato podem ocorrer durante a administração do processo de seleção de jovens atletas.

Em segundo, a partir de uma pesquisa de campo, identificação das características em três clubes da cidade de Campinas sobre como orientam-se na busca dos jovens atletas no processo de “peneiras”, por meio de: características ambientais (clube, espaço físico); o sistema de seleção (organização, estratégias e procedimentos); e recursos humanos (identificação dos profissionais envolvidos).

JUSTIFICATIVA

No Brasil, os clubes geralmente consideram o futebol como a maior e melhor fonte de renda e lucratividade a ser explorado no esporte.

Talvez esta afirmação seja verdadeira e coerente, mas como os estudos da seleção desportiva no futebol ainda são escassos na área acadêmica, urge a necessidade de empreendermos uma maior importância sob o ponto de vista crítico sobre os métodos de seleção usado nas “peneiras”.

Ao estabelecermos uma relação entre a ciência apresentada teoricamente por

diversos autores e a prática em estudos de três casos analisados e discutidos, tentamos localizar a possível existência em uma relação coerente entre o nível de exigência nos diversos clubes, com as particularidades complexas que o desenvolvimento humano apresenta na performance desportiva.

Este estudo entra em um ramo de discussão ainda pouco explorado, e que pode futuramente ganhar novos rumos sob o interesse da comunidade acadêmica em geral.

CAPÍTULO 1: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1- SELEÇÃO DE TALENTOS NO ESPORTE

Considerações Gerais

Na medida em que atletas de alto nível estejam envolvidos no contexto esportivo, a concorrência e os altos recordes são milimetricamente disputados, os clubes que almejam formar bons jogadores para que, no futuro, “colham seus frutos”, seja com títulos, dinheiro e sucesso, devem ter nas suas categorias de base um processo seletivo otimizado, de forma que depositem suas atenções aos jovens que apresentem nível técnico superior aos outros.

Por isso o maior objetivo da seleção de talentos é identificar aqueles que possuam maior habilidade para um esporte específico. Pois, como afirma Matsudo (1998): “*O esporte de alto rendimento não é democrático, premia quem está completamente fora da média.*”³

Terminologia: Seleção Desportiva

Para Filin & Volkov (1998), seleção desportiva é:

“... um sistema de medidas organizacionais e metodológicas que incluem os métodos pedagógicos, psicológicos, sociológicos e médico-biológicos de investigação, com base

³ Citação da matéria “Fórmula Z: a fórmula dos campeões”, entrevista de Cynthia Garcia ao Dr. Victor Matsudo para o Jornal da Tarde, São Paulo em 17/05/98, Caderno Domingo.

nos quais, detectam-se as capacidades nas crianças, dos adolescentes e jovens, para especializarem-se em uma determinada modalidade desportiva, ou em um grupo de modalidades.” (p. 14)

Para Sobral (1988), a seleção desportiva:

“... culmina em um prognóstico de capacidades gerais e específicas estabelecido com base numa avaliação de traços morfológicos, funcionais e comportamentais cuja evolução é parcialmente previsível.” (p. 30)

Por isso que, como afirmam Filin & Volkov (1998), antes de se fazer uma seleção, é crucial saber as particularidades morfológicas do indivíduo, nisso incluindo as funções motoras e vegetativas, o metabolismo energético quanto ao seu crescimento, formação e aperfeiçoamento.

Como estes fatores estão condicionados há muitas variáveis e diversas influências, fica difícil prognosticar qual adolescente jovem vai ser um verdadeiro craque no futebol. Tal função deve ser “responsabilizada” ao treinador e toda uma equipe multidisciplinar orientados por, no mínimo, um sistema cientificamente fundamentado para a seleção desportiva, para que tenham a tranquilidade de futuramente trabalharem as capacidades latentes desportivas, convertendo-as enfim, em um atleta de alto nível⁴.

Segundo Bompa (1983), a utilização de padrões científicos no processo de seleção de talentos possui várias vantagens (p. 334):

1. Reduz substancialmente o tempo exigido para se alcançar alta performance ao se escolher indivíduos que possuam dons para determinado esporte.
2. Elimina um grande volume de trabalho, energia, e talento por parte do técnico. A efetividade do treino do técnico é reforçada por trinar fundamentalmente aqueles

⁴ Este tema será melhor discutido ao longo do texto, onde veremos que existem variáveis fáceis e outras de difícil mensuração na performance desportiva. Estas sofrem interferências: físicas, sociais, ambientais e etc., além da interação entre as mesmas.

atletas com habilidades superiores.

3. Aumenta a competitividade e número de atletas buscando alcançar performances de alto nível. Como resultado, haverá uma equipe nacional mais homogênea e forte, capaz de melhor performance internacional.
4. Aumenta a auto confiança sabendo-se que a dinâmica de performance de um é mais dramática comparada à outros atletas da mesma idade que não passaram por um processo de seleção.
5. Facilita indiretamente a aplicação de treinamentos científicos, na medida em que os cientistas do esporte que ajudam a identificação de talento podem se motivar o continuamento monitorando o treinamento do atleta.

Métodos de Seleção de Talentos

Existem métodos para selecionar talentos no esporte. O objetivo deste estudo porém não é estudar todos os métodos em clubes de futebol, mas sim alguns casos e baseando-se nas informações da pesquisa, levantar algumas discussões sobre o nosso sistema de seleção, criando perspectivas e possíveis hipóteses para novos estudos.

A definição de Bompa (1983, p. 334) é clara e objetiva, existindo dois métodos básicos de seleção: a natural e a científica.

A *seleção natural* seria aquela na qual a seleção ocorreria de forma normal, o caminho natural na formação do atleta, ou seja, um jovem integrado à uma modalidade desde pequeno por influências externas tais como tradição de escola, desejo dos pais, etc. Porém, sua evolução dentro da modalidade vai depender da coincidência das suas particularidades individuais. Portanto, sua evolução pode ser lenta e decepcionante pela escolha errônea da modalidade para suas capacidades.

A *seleção científica* é o método pelo qual o técnico seleciona jovens promissores que tenham provado que possuem habilidades naturais para o determinado esporte. Deste modo, comparado por aqueles selecionados pela seleção natural, o tempo e resultado

exigido para se alcançar altos rendimentos será menor e mais eficazes. Assim, para os esportes que exigem biotipo específico, como basquetebol, voleibol e arremesso de peso, além da potência, velocidade de reação e coordenação, como na ginástica artística, artes marciais e saltos no atletismo, estes fatores devem ser altamente considerados. Com a ajuda de cientistas do esporte, tais qualidades podem ser detectadas em testes específicos e encaminhadas ou aprovadas para o esporte apropriado.

É bom lembrarmos que isto é uma definição específica do autor Bompa (1983), e apesar de bem descrita, veremos que os dois tipos de seleções possuem suas vantagens, ao contrário do autor que parece engrandecer apenas a *seleção científica*.

TALENTO E A PRÉ-DISPOSIÇÃO DESPORTIVA

Terminologia: Talento

Weineck (1999) define e enfatiza “*talento*” em dois aspectos: o talento estático e o talento dinâmico, sendo que estes devem ser integrados e, devemos observá-los sob os dois aspectos interligados.

Segundo Joch (*apud* Weinck, 1999, p.115), o *talento estático* é definido pelas seguintes características:

- disposição: mobiliza o potencial;
- prontidão: mobiliza a vontade;
- ambiente social: determina as possibilidades;
- resultados: documentam o desempenho obtido.

O *talento dinâmico* seria para os autores acima citados, o decorrer de um processo definido (especialização) e suas evoluções, com as seguintes características:

- processo ativo de mudanças;
- a orientação através do treinamento e competições;

- acompanhamento pedagógico.

Weineck (1999) entende *talento esportivo* ou *aquisição esportiva* como “... o conjunto de condições básicas da criança ou jovem para o desenvolvimento esportivo. Neste contexto, o nível de desempenho e suas possibilidades de desenvolvimento são determinados pela situação e pelo processo de treinamento.” (p. 115).

Assim, talento desportivo seria aquele indivíduo que está fora da média de sua idade em termos de desempenho e que ainda estaria em desenvolvimento. Explicado por diversos fatores inter-relacionados como, grande capacidade de aprendizagem cognitivas e possuir em um contexto social: qualidades físicas e técnicas naturalmente superiores, vontade, motivação e aliados ao processo pedagógico esportivo na qual foi inserido, seja sistematizado por profissionais ou pela simples vivência da modalidade nas “ruas”. Como isto é polêmico, deixaremos a seguir uma discussão mais específica.

A Pré-Disposição Esportiva

Seriam os grandes atletas um produto genético, ou de respostas pedagógicas da aprendizagem motora, ou de ambos?

Antes de mais nada, gostaríamos de definir as terminologias *capacidades* e *habilidades*.

Segundo Singer (1977), em nossa excelência humana possuímos muitas *capacidades*, e seu grau de existência depende tanto de fatores genéticos como vivenciais. Assim, as capacidades tornam-se gerais e contínuas com o tempo.

Já *habilidade* seria um movimento pré-determinado a um ato específico. Afirma Singer (1977): “... é aprendida através da prática e depende da presença de capacidades subjacentes.” (p. 31).

Para Rodionov (*apud* Filin & Volkov, 1998), a estrutura das capacidades nos esportes não é igual. Sendo nos jogos - alvo deste estudo -, o que vem em primeiro plano são as qualidades psíquicas, nas quais destacam-se: o sistema de processos que determinam as possibilidades de percepção no menor espaço de tempo às situações que surgem; adaptabilidade; e formulações de soluções.

Para Filin & Volkov (1998), as habilidades não são inatas, mas sim aperfeiçoadas durante o processo de desenvolvimento. Somente são inatas as particularidades anatomo-fisiológicas, ou seja, as aptidões que se destacam no desenvolvimento das capacidades como exemplo: atividade nervosa, estrutura corporal, propriedades do sistema neuromuscular, etc. Desta maneira, segundo os autores, se as pré-disposições são insuficientes ou simplesmente não existem, tais características psico-fisiológicas pessoais podem não desenvolverem-se.

Assim, podemos afirmar que os termos se equivalem, onde uma capacidade pode servir de base para muitas habilidades, ou como uma habilidade pode depender de muitas capacidades.

Na verdade, a discussão sobre o inato e o adquirido é polêmica, sendo que adeptos de ambos os lados argumentam suficientemente para provar que estão corretos.

Basicamente para os inatistas radicais, segundo comenta Freire (1991), a adaptação do indivíduo frente a uma situação nova advém de um conhecimento virtual inscrito previamente nos genes, onde a resolução do problema se aplicaria ao caso. Assim, quando a criança em uma brincadeira desvia de um obstáculo para qual quer seja o lado, é segundo o autor: “... *uma revelação do conhecimento inscrito nas cadeias genéticas há muito programadas no homem.*” (p. 41). Enfim, a complexidade da ação humana resulta da complexidade das estruturas genéticas, estas imutáveis.

Freire (1991) parece não concordar com as idéias inatistas. Reflete sobre o inato e o

adquirido afirmando que, à primeira vista, nossos gestos são iguais, mas se forem analisados detalhadamente, veremos que as diferenças se dão em parte pela sensibilidade própria que cada um possui. Esta é um produto da inteligência. Segundo ele, difícil encontra-se em identificar as ações inatas e adquiridas nos gestos, já que a motricidade humana é de uma natureza rica e complexa.

Para Freire (1991), da mesma maneira que a motricidade humana pode ser considerada inata pelo fato óbvio do bebê nascer se mexendo, poderíamos afirmar igualmente que seus gestos são adquiridos levando-se em consideração que o homem vive em uma cultura criada por ele, logo cultura não é inata. Graças a ela, se nos encontramos em uma situação de evolução, foi porque passamos a ir além do movimento - este sendo reflexivo, inteligente -, podendo, ter condições enfim de sobreviver a um ambiente hostil, pois construímos e possuímos a capacidade da adaptabilidade. Logo, nosso conhecimento é adquirido, pois este foi o fator de sucesso de nossa existência. Assim, aprendemos gestos organizados quando nos defrontamos com questões sociais e ambientais complexas. O bebê se movimenta, mas desordenadamente, sua virtude é, de apesar da carência motora, usufruir da família e da sociedade. Afirma o autor: *“Não sabendo nada de gestos, começa a aprender. Aprende porque não sabe. Organiza porque não está organizado. Ordena porque não está organizado. Essa é sua vantagem.”* (p. 49). O inato seria *“... o inato que sabe aprender.”* (p. 50). A capacidade de aprender de cada gesto foi o preço que o homem pagou por deixar de agir instintivamente: aprendendo em cada momento da vida.

Hofmann e Scheneider (*apud* Weineck, 1999) parecem ter opiniões semelhantes quanto a isto, afirmando: *“As aptidões de uma pessoa não são consideradas um dom, mas desenvolvem-se através de uma atividade (sob determinadas condições anatomofisiológicas), na qual passam a ser reconhecidas.”* (p. 123).

O talento, na nossa opinião, poderia ser explicado por argumentos de Freire (1991),

onde afirma que, com o passar dos anos, o homem passa cada vez menos a aprender, isto porque quando a criança cresce, aprende movimentos e estes vão se especializando. Isto é uma vantagem, pois a aprendizagem de um gesto é um “... *universo de combinações que se constitui.*” (p. 49). Completa o autor: “*O que se perde em aprendizagens de novos esquemas ganha-se em combinações entre os esquemas.*” (p. 49). Acreditamos que a maneira como estas “combinações entre esquemas” individuais se constituem, pode ser o fator de diferencial superior de algumas pessoas em relação a outras.

Se um comportamento hábil depende da hereditariedade⁵ e da educação vivencial, devemos então analisar estes dois itens como um fator importante na caracterização do comportamento esportivo excepcional. Mas existe prevalência de um sobre o outro?

Afirma Singer (1977) que, do ponto de vista esportivo, um desempenho implicaria em: características herdadas; nível de habilidades desenvolvidas e das estruturas presentes que cercam sua atividade, tais como condições de jogo, motivação pessoal.

Afirmam ainda Filin & Volkov (1998):

“O fator genético manifesta-se na sua totalidade quando encontra condições externas necessárias para seu desenvolvimento. Quando ocorre a falta da informação genética de determinada característica, esta não pode desenvolver-se, nem que existam influências externas ótimas” (p. 62)

O papel do meio na formação de talentos para os autores acima citados, depende indiretamente de vários aspectos. Mesmo se levarmos em consideração as diferenças sociais entre o Brasil e a Rússia, Filin & Volkov (1998) mostram resultados interessantes sobre uma pesquisa: o estudo em mais de 600 atletas de alto nível demonstrou que as

⁵ Segundo Filin & Volkov (1998), *hereditariedade* é a informação genética transmitida de pais para filhos, e esta determina, em um grau considerável, o crescimento e a formação do organismo, suas principais reações adaptativas às influências exteriores, os ritmos de desenvolvimento e as várias fases ontogênicas (p. 62).

crianças que alcançaram posteriormente êxito nos esportes que exigem resistência, têm origem em famílias onde a prole era numerosa (3 ou mais filhos). Afirmam que, nessas famílias, as crianças tendem a tornarem-se independentes prematuramente. Completam os autores: *“Para estas crianças é característica uma maior tenacidade e dedicação, pois elas devem ajudar nas tarefas domésticas, tendo que organizar desde cedo seu tempo livre.”* (p. 69)

Este eterno conflito entre o indivíduo e o meio ambiente, confrontando-se com situações novas e diversificadas, faz o intelecto evoluir respondendo por meio de ações psicológicas, com gestos frente ao nível das necessidades – resultando no que podemos chamar de experiências.

Para Freire (1998):

“... a história de experiências de vida será fundamental para a organização motora e intelectual da criança. Uma história rica em experiências formará bases mais sólidas para a inteligência, para a afetividade ou para a sociabilidade da criança. Por outro lado, uma história pobre levaria a um comprometimento dessas estruturas. Estamos chamando por experiências ricas o envolvimento em situações diversificadas” (p. 31)

Podemos afirmar, então, que a pré-disposição e o talento ainda são motivos de controvérsia, devemos tomar cuidado ao definirmos os elementos de formação do talento, pois o mesmo depende de capacidades físicas imutáveis pelos fatores biológicos como o $VO_2\ max.$, capacidade aeróbica e anaeróbica, agilidade, flexibilidade, força e medidas antropométricas. Estas capacidades, aliadas a outras de estrutura cognitiva e lógica, podem ou não ajudar no empreendimento de habilidades - físicas ou cognitivas - e, por outro lado, podem ou não ser desenvolvidas, dependendo do grau de dificuldades expostas pelo meio na qual foi inserida e assimilada intelectualmente pelo indivíduo, seja por ações gestuais ou

comportamentais (desenvolvimento da personalidade).

Campos (1998) mostra resultados de uma pesquisa que aponta o fator experiência como o melhor discriminante de performance, entre crianças praticantes de futebol. Constatou-se que crianças com um maior nível de habilidade motora, independente da idade, apresentaram uma performance superior à de crianças novatas em todos os componentes de performance analisados. A pesquisa sugere que, existe uma relação significativa entre o nível de habilidade motora, estruturas de conhecimento e a capacidade dessas crianças em tomar decisões no futebol.

No que diz respeito ao processo de informações às estruturas do conhecimento, Tavares (1995) afirma que a vantagem do experiente está em centrar suas atenções a informações pertinentes, extraindo somente as informações úteis para resposta, enquanto os novatos usam o conhecimento superficial do jogo porque suas bases de orientação ainda encontram-se incompletas.

Com base nas teorias acima, o fator experiência possui ligações com a competência, podendo também fazer diferença no adolescente e no jovem que se destacam em uma “peneira”. Aí é que encontramos o perigo da subjetividade.

Vejamos o exemplo: um jogador pode ter sido destaque em uma “peneira” por ser mais experiente em relação aos outros da mesma faixa etária, porém, de menor experiência na prática do futebol, culminando de fato em um melhor desempenho frente aos demais. Isto só não implica que ele seja mais *talentoso* que os outros, mas que é *mais experiente*.

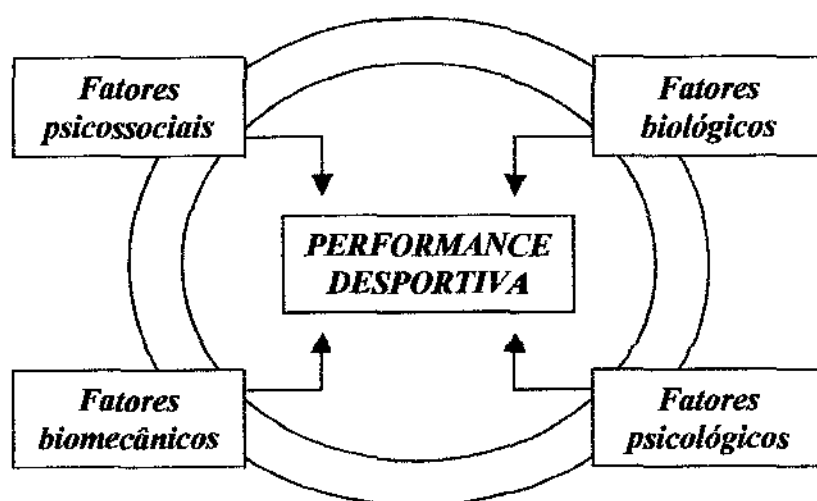
Portanto, a experiência de vida, nisso incluímos principalmente a prática precoce do futebol (não confundir com especialização precoce), aliada a uma pedagogia ideal, seja qual for, por profissionais ou por brincadeiras de “rua”, mas fazendo o indivíduo confrontar-se com as dificuldades, gera dúvidas na solução do problema. A maneira como esta dificuldade for concebida e aplicada em resposta, mais a motivação e a vontade do

indivíduo, pode gerar um grau de evolução tão grande em qualidade e quantidade no seu repertório motor que torne-o superior aos outros. Podemos hipoteticamente então considerar todos estes fatores associados como o diferencial de um grande talento. Nesse caso, já começamos a perceber o quanto é difícil mensurarmos objetivamente quem é talentoso dentro dos adolescentes e jovens.

PADRÃO UTILIZADO PARA A SELEÇÃO DE TALENTOS

A Performance Desportiva

Independente da metodologia, seja qual for a modalidade, a prognosticação na seleção de talentos está diretamente ligada à performance desportiva do candidato, é ela quem vai mostrar se o indivíduo tem chances objetivas, com um mínimo de segurança do provável sucesso, como já foi dito, transformar suas capacidades latentes em talento. Já que a performance desportiva é o principal fator na seleção de talentos, gostaríamos de defini-la segundo o “*Modelo Multidimensional da Performance Desportiva*” de Brandão & Figueira (1996, p. 62):



Observa-se que a performance desportiva é caracterizada como um fenômeno multifatorial composto por quatro subdomínios semi-independentes. O círculo serve para mostrar que este é um modelo dinâmico.

Segundo os autores:

“... a grande qualidade deste modelo, está na possibilidade de se observar todos os fatores relacionados com a performance ao mesmo tempo, uma vez que é particularmente importante focalizar a investigação do desempenho desportivo em muitos fatores, porque muito deste desempenho não pode ser explicado somente sob um ponto de vista.” (p. 63)

Desta maneira, nesta visão multidimensional parece estar fortemente ligada à performance como manifestação da motricidade humana, sendo esta dependente de características psicológicas e biológicas onde a força de interação e equilíbrio entre elas resultarão em um produto final, que é a performance. É por isso que apenas testes específicos de capacidades motora geral⁶ não podem servir de padrão para um bom desempenho, pois apesar de várias capacidades específicas poderem ser analisadas, a excelência do esportista está condicionada a vários fatores correlacionados.

Conseqüentemente, para Weineck (1991), o talento esportivo “... *distingue-se pela posse de diferentes capacidades e habilidades de diferentes âmbitos, que condicionam de forma complexa o desempenho esportivo.*” (p. 314).

⁶ Para Singer (1977), *capacidade motora geral* é sinônimo de capacidade desportiva e da capacidade desportiva completa.

Fatores do Modelo Multidimensional

1- Subdomínio Biológico:

Segundo Brandão & Figueira (1996), o subdomínio biológico possui grande relação com a idade do indivíduo envolvido no programa de treinamento e a treinabilidade de cada variável da aptidão física.

No primeiro caso, segundo os autores, *“... as variáveis que envolvem grande domínio do sistema nervoso central, estarão com maior potencial biológico maturacional no período pré-pubertário.”* (p. 64). Então, agilidade; flexibilidade; coordenação; ritmo e velocidade são variáveis de amadurecimento geneticamente precoce. Por outro lado, variáveis como a força e a potência muscular apresentam, segundo eles, *“... desenvolvimento maturacional tardio e com isso sua treinabilidade fica dependente de estímulos pós-pubertários.”* (p. 64). A treinabilidade, por sua vez, está ligada ao processo adaptativo biológico da adaptação fisiológica ao treinamento. As variáveis antropométricas e metabólicas apresentam resposta anterior às variáveis neuromotoras em período de treinamento. O treinamento em seu entendimento mais genérico, será, segundo os autores, *“... influenciado pelas características psicológicas, fisiológicas e biomecânicas, sendo que a melhor associação entre elas levará à melhora da performance.”* (p. 64)

2- Subdomínio Biomecânico:

Segundo Brandão & Figueira (1996), a importância do desenvolvimento biomecânico é aumentar a eficiência mecânica e diminuir o gasto energético que, segundo Federick (*apud* Shephard. In: Brandão & Figueira, 1996), a eficiência mecânica poderia

estar interferindo entre 2% e 12% no consumo de oxigênio máximo em atletas, podendo explicar porque indivíduos destreinados atingem antes valores máximos de VO_2 e com isso entram em estado de fadiga precocemente.

Ressaltam Brandão & Figueira (1996) que a eficiência mecânica depende “... *da massa corporal do indivíduo e da sua distribuição nos componentes corporais (massa magra e tecido adiposo), da velocidade do movimento, do tipo de atividade em questão, do movimento corporal e membros, da ação e reação (atrato) corpo-solo.*” (p. 67).

Devemos sempre levar em consideração a importância de fatores morfológicos, portanto, as características antropométricas de cada modalidade desportiva. Porém, como afirmam Filin & Volkov (1998) e Matsudo (1998), no futebol, os aspectos biológicos e físicos como a estatura perdem substancial importância, pelo fato de tal modalidade não requerer fatores extraordinários. Fato que podemos presenciar na grande diversificação de biotipo entre os jogadores, como por exemplo: atacantes, zagueiros e goleiros com as três características de estatura, baixa, média e alta. Nem por isso muitos deixam de se destacar dentro de seus clubes ou seleções.

Desta maneira, fica claro que o treinamento pode melhorar a eficiência biomecânica, apesar de isto requerer complementações energéticas e maior tempo gasto. Em todo caso, acreditamos que no futebol o fator biomecânico ideal não influencia significativamente no alto nível da performance na modalidade.

3- Subdomínio Psicológico:

A atuação com êxito nas competições e os recordes dependem, em grande parte, das propriedades psicológicas do desportista. Por isto ao caracterizarmos um “modelo de atleta”, é necessário levar em conta as particularidades do indivíduo e o nível de seu

preparo psicológico.

Segundo Brandão & Figueira (1996): *“... as variáveis relacionadas com o subdomínio psicológico são aquelas relativas a determinadas atitudes, sentimentos e percepções que o atleta tem a si próprio.”* (p. 68). Os autores adotam as seguintes variáveis psicológicas: autoconfiança, pressão, erro, determinação, força de vontade, atitude e disciplina, motivação, estabilidade, coragem, concentração e antecipação.

Segundo Lawther (1972): *“... os mais altos níveis de aprendizagem desportiva tendem a salientar a percepção do que fazer sem se supor que, grande parte do ajuste de movimento é transferível da experiência anterior.”* (p. 17).

Com esta afirmação, o autor explica aspectos que caracterizam o desempenho de alto nível, onde uma pessoa especializada ajusta seus atos esportivos de forma não consciente, mas precisa, isso devido aos resultados obtidos anteriormente e, desta forma, seu corpo tende a antever rapidamente uma ação desportiva antes mesmo de terminar essa ação.

Embora o individuo continue a aperfeiçoar aspectos detalhados para que esses se adaptem melhor a um ato, o resultado destas adaptações está condicionado ao seu grau de resultados obtidos, ou seja, a progressão pela revisão do erro e do acerto serve de parâmetro para o aprendizado. Assim, um desempenho de alto nível é basicamente, um melhoramento automático na exatidão e percepção da situação. Logo, a experiência da prática individual do futebol, aliado ao histórico do candidato - histórico de “peneiras” da qual participou -, ganham importância significativa na seleção de talentos.

3.1- Personalidade dos Atletas⁷:

Para Filin & Volkov (1998), os fatores psicológicos da personalidade dependem do desenvolvimento das propriedades fundamentais do sistema nervoso: força, mobilidade e equilíbrio dos processos nervosos, as quais também caracterizam o modelo do atleta de alto nível.

Segundo Lawther (1972), alguns estudos mostram que maior agressividade, nível mais alto de aspiração e “necessidade psicológica” de vencer são características presentes nos atletas de alto nível.

Para Ogilvie (*apud* Lawther, 1972):

“Como grupo, os grandes atletas têm maior necessidade de realização, necessidade de dominância, são mais agressivos e teimosos. Eles tendem a ter mais confiança em si mesmos e a ser auto-suficientes. Podem controlar emoções em condições de forte tensão; são mais maduros e menos neuróticos do que o normal e tendem para a liderança e independência.” (p. 109)

Afirma ainda, que os atletas mais bem sucedidos tornam-se mais egocêntricos e mais relutantes em se envolverem na vida de outrem.

Apesar da honestidade estar sempre em questionamento em uma pesquisa de auto-relato, as afirmações acima ganham atenção quando comparamos com algumas declarações de Cafu em sua entrevista: ele teve a necessidade de realização aliada a teimosia indo quatro vezes ao São Paulo F. C. e outros clubes; na confiança em si mesmo: “... se você confiar em seu potencial, se acreditar que pode mesmo ser um profissional,

⁷ Lawther (1972) define *personalidade* como um termo usado para caracterizar o indivíduo que, surge à medida que o recém-nascido cresce, amadurece e reage aos milhares de estímulos ambientais que o cercam (p. 96).

pode ter certeza que, um dia você vai levantar as mãos para o céu e agradecer a Deus por tudo o que conseguiu.” (p. 15); auto-suficiência e tendência a liderança: *“É o tal negócio, o trabalho que não foi reconhecido no São Paulo foi reconhecido no Palmeiras.*” (p. 13), sobre sua condição de capitão do time enquanto atuou na S. E. Palmeiras.

[No entanto, segundo Fraleigh (*apud* Singer, 1977, p. 88), esporte e realização devem ser compatíveis com a personalidade individual. Ainda sistematiza um processo que pode ocorrer de maneira sequencial:

- 1º. participa em atividades normais e de jogo;
- 2º. ganha auto-avaliação favorável e status no grupo;
- 3º. obtém sucesso e satisfação com a participação;
- 4º. procura participar mais;
- 5º. desenvolve mais habilidades;
- 6º. obtém avaliação favorável e status;
- 7º. alcança mais sucesso e satisfação com a participação;
- 8º. procura participar ainda mais;
- 9º. alcança alto nível de habilidade.

Desta maneira, refletindo sobre o que Fraleigh e Ogilvie afirmam, a extensão da experiência e prática esportiva pode provocar algumas mudanças na personalidade pelas próprias imposições que o jogo propõe (ganhar, perder e saber lidar com isto). É muito provável que o esporte provoque um efeito na formação da personalidade do indivíduo, e não o inverso, onde o modo como o esportista associa suas experiências positivas e negativas, aliado ao desenvolvimento fisiológico, é um dos fatores determinantes para o adolescente alcançar - ou não - uma ótima maturidade para uma performance esportiva satisfatória.]

Algo parecido pode provavelmente ter ocorrido com *Cafu*, seus fracassos não determinaram para que ele desistisse, pelo contrário, pode ter servido como motivação a mais, desenvolvendo uma personalidade de caráter forte.

4- Subdomínio Psicossocial:

Segundo Brandão & Figueira (1996), o subdomínio psicossocial tem uma importância na análise esportiva porque “... *todo esporte e atividade física são sociais por natureza, isto é, são organizados com base em trabalhos de grupo.*” (p. 69).

Afirma ainda Weineck (1991) a importância da determinação de características psicossociais, pois são medidas de acompanhamento para a transformação e manifestação dos parâmetros de performance desportiva onde, segundo o autor: “*As melhores condições corporais são insuficientes para uma alta capacidade esportiva, se elas não estiverem ligadas a correspondentes características psicossociais.*” (p. 315).

No caso específico deste estudo, além dos argumentos citados pelos autores acima, os fatores psicossociais ganham uma maior atenção devido ao fato de possuir uma grande participação nas transformações psíquicas sofridas na época da adolescência.

Na puberdade e na adolescência, as qualidades físicas tornam-se de grande importância na forma do jovem encarar sua vida, suas relações sociais e autoconceito, sendo estes dois importantes à sua aceitação nos círculos de amizade e pelo sexo oposto (Farinati, 1995). Assim, a atividade física torna-se um instrumento para ajudá-lo a encontrar aos outros e a si mesmo.

Sherif & Ratray (*apud* Farinatti, 1995) reforçam esta idéia ao indicar que por volta dos 12 anos, o jovem experimenta grande impulso ao desenvolvimento de sua auto-estima. Experiências desta fase – inclusive advindas da atividade física – podem vir a transformá-lo em um adolescente feliz e ajustado, ou torná-lo triste e arredio.

Portanto, além do detalhe técnico diagnosticado nas “peneiras”, na nossa opinião deveria ter-se também uma atitude mais humana aos “cortes”. Como será melhor discutido posteriormente, o futebol para muitos adolescentes e jovens transforma-se em uma única

expectativa de vida, e nós adultos, ao contrário destes indivíduos, pelas experiências vividas, temos um nível de amadurecimento mínimo para não tornar nossos fracassos, problemas ou limitações que afetem psicologicamente todo nosso sistema social e pessoal.

1.2- AS ETAPAS DA SELEÇÃO DE TALENTOS

Considerações Gerais

A partir de agora, começaremos a citar quais seriam os aspectos e os métodos mais coerentes na seleção de talentos, segundo a abordagem da Ciência do Esporte. Ao longo do texto faremos observações de modo que o futebol não se perca de vista, já que tais métodos são levados em consideração de maneira geral entre as diversas modalidades encontradas no esporte.

Os autores Bompa (1980), Filin & Volkov (1998) e Matsudo (1998) possuem uma opinião unânime, na qual uma seleção de talentos abrangente não pode ser feita somente na tentativa, mas executada por alguns anos e por diversas etapas. Ainda deveria existir uma cooperação mútua em equipes multidisciplinares do ramo, cada um na sua área, mas unidos - professor de educação física, técnico, médico, nutricionista, psicólogo e um administrador esportivo -, resultando em um sistema de seleção que garanta renovações e aumento na performance atlética de alto nível.

Apesar das propostas dos vários autores possuírem algumas semelhanças, encontramos também diferenças como, por exemplo, a determinação específica da idade-alvo em cada etapa. Acreditamos que um dos motivos destas flutuações esteja nas diferenças entre idade cronológica e idade fisiológica, que serão discutidos posteriormente, além das particularidades culturais e fisiológicas das crianças e jovens de seus países de origem. Mas como os princípios metodológicos *são os mesmos*, tomaremos a liberdade de

citá-las juntamente para uma explicação mais detalhada e coerente, lembrando que as idades médias estão relacionadas, no caso, à seleção desportiva do sexo *masculino* - nosso alvo. Os autores que terão seus princípios genericamente utilizados são: Bompa (1980), Filin & Volkov (1998), Sobral (1988) e Teodorescu (*apud* Curado, 1980).

O Funcionamento Padrão de Etapas

Para prognosticar o rendimento de um indivíduo, segundo critérios objetivos e com margem tolerável de erro, a seleção de talentos nos Esportes é dividida em três fases principais:

1º Seleção Primária: pré-puberdade, entre 8 e 12 anos;

2º Seleção Secundária: puberdade, entre 13 e 16 anos;

3º Seleção Final: juvenil, entre 17 e 21 anos.

Na *seleção primária*, usa-se uma avaliação médica da saúde e desenvolvimento físico geral dos candidatos, para que se detecte possíveis disfunções ou doenças. A avaliação biométrica serve para localizar possíveis deficiências que possam prejudicar a performance de um candidato, determinar o nível do desenvolvimento físico; dominância genética - altura, por exemplo - para serem encaminhados tardiamente para os esportes no qual poderiam se especializar.

Devemos discutir sobre o procedimento acima de “disfunções biométricas”, porque uma disfunção *aparentemente* limitante não pode ser levada ao extremo da rejeição do candidato, afinal, se tal fosse levada à risca, provavelmente não conheceríamos o talento de “Mané Garrincha”⁸, pelo fato de possuir pernas tortas e, portanto, ser incapaz de

⁸ Manuel dos Santos, considerado por muitos o melhor ponta-direita já revelado no futebol. Começou a jogar no Botafogo/RJ em 1955, onde permaneceu por onze anos, ganhando muitos títulos pelo seu clube e pela Seleção Brasileira. Teve uma passagem inexpressiva no Flamengo/RJ e encerrou sua carreira no Corinthians paulista. Morreu por complicações advindas de cirrose hepática em janeiro de 1983 causado pelo alcoolismo.

desenvolver altas habilidades com a bola durante um jogo. Isso nos faz pensar que os métodos científicos não devem ser considerados absolutamente, pois possuem suas limitações.

Devem ser considerados um grande número de participantes; de modalidades apresentadas pedagogicamente; e participação em competições, para uma satisfatória iniciação de aspectos gerais esportivos, de maneira que o leque de opções seja suficiente amplos para o treinador observar nos candidatos bons indícios motores, psicomotores e de interesse, na qual destacaríamos em ordem: agilidade, destreza e combatividade.

Na *seleção secundária*, deve prevalecer o ensino, consolidação e aperfeiçoamento dos procedimentos técnicos fundamentais e da ação de jogo. Inicia-se o desenvolvimento de qualidades motoras de base, com destaque à velocidade, destreza e início no trabalho de resistência e força como parte da preparação física geral. O fato de possuir um bom nível médio de preparação permite determinar o grau de dotação desportiva do candidato e sua aptidão para a modalidade escolhida. Testes de controle podem ser realizados, ampliando possibilidades potenciais dos candidatos que se destaquem, principalmente em modalidades de atletismo, mas no futebol não acreditamos que sejam necessários.

Técnicas utilizadas na seleção secundária devem avaliar a dinâmica dos parâmetros biométricos e funcionais, já que o corpo já deve ter alcançado um eventual nível de adaptação às especificidades e exigências para determinado esporte. Conseqüentemente, o exame de saúde deve ser detalhado e direcionado à detecção de obstáculos ao acréscimo de sua execução (por exemplo, reumatismo, hepatite, doença renal aguda, etc.).

Devem também ser iniciados exames psicológicos para indicar candidatos às modalidades, observando características como: interesse; capacidade de orientação diante e situações difíceis; concentração; cooperação, etc.

Na *seleção final* deve haver alto aperfeiçoamento técnico e tático, quando urge a necessidade do candidato ser excepcional. Esta última fase pode durar anos, elevando a confiabilidade do treinador. Deve ser muito bem elaborada e altamente relacionada com as exigências da modalidade indicada.

Ainda assim, continuam os exames de saúde, pedagógicos, testes de controle (jogos, competições, físicos, etc.), sociológicos e psicológicos visando o grau de preparação nos candidatos.

Atualmente existe a necessidade de se analisar além. São características indispensáveis para uma estrutura física sob influência do do alto nível esportivo: suas adaptações fisiológicas ao treinamento e competição; habilidade de lidar com o *stress* e, mais importante, o potencial para posterior aperfeiçoamento da performance.

Nesta fase devem ser feitos e arquivados testes médicos, fisiológicos além de treinamento periódico para futuras comparações, ilustrando mudanças evolutivas da performance no decorrer da carreira atlética do indivíduo.

Somente nesta fase deve haver a orientação do candidato na integração dos clubes, seleções municipais, estaduais, regionais e nacionais. Acreditamos que as “peneiras” brasileiras se encontrem neste estágio de encaminhamento, não havendo órgãos intermediários que indiquem jogadores aos clubes, como discutiremos a seguir.

Observações Sobre Sistemas Organizacionais Esportivos

Porém, é importante ressaltarmos que tais métodos são aplicados geralmente por órgãos específicos nos países de origem dos autores acima citados: Canadá - Bompá; Rússia - Filin & Volkov; Portugal – Sobral, e Romênia - Teodorescu, onde, como nos informa Tubino (1979), esses procedimentos são mais frequentes nos países com

aspirações olímpicas onde tem sido feitos criações das “*Escolas de Talentos Desportivos*” ou “*Escolas Desportivas*”.

Tubino (1979) afirma que é importante não confundirmos o nome escola desportiva usada no caso do grupamento de talentos precoces, com as escolas desportivas que visam a iniciação desportiva, mas que não selecionam crianças com maiores possibilidades de futuras performances, - neste caso, acreditamos que devemos incluir de maneira geral as chamadas “*Escolinhas de Futebol*” muito comuns no Brasil -. Assim sendo, “*Escolas de Talentos Desportivos*” buscam dirigir e orientar os jovens selecionados precocemente pré-dotados de potencial desportivo, para que esses meninos venham a atingir os níveis projetados no diagnóstico inicial de possibilidades atléticas. Nestas escolas, os futuros grandes atletas iriam receber cuidadosamente todo acompanhamento de equipes multiprofissionais, já citadas.

Pelo que podemos observar, por trás do processo de uma seleção coerente de talentos, seria interessante existir um processo pedagógico, porque o acompanhamento evolutivo das diversas capacidades e habilidades durante o aprendizado é que vão ser determinantes, a médio e longo prazo, os talentos esportivos.

No Brasil, apesar das “peneiras” aparentarem finalidade na descoberta de talentos, manterem nas equipes alto nível de excelência através de revelações, e descobrir “produtos” rentáveis, tal estrutura complexa não existe uma forma satisfatória em número e qualidade, quando nos referimos a seleção de talentos como o *começo* de um processo e não como o *fim* - mesmo nos clubes de futebol -.

Assim, resumidamente, Matsudo em sua entrevista para Garcia (Jornal da Tarde, São Paulo, 17/05/98, Caderno Domingo), nos mostra quais são os sistemas organizacionais esportivos que, de fato, culminam em resultados positivos, além de uma perspectiva brasileira em relação ao caso:

“Existem três sistemas de detecção de talento no mundo. Há o modelo sistemático estatal, coordenado e subsidiado pelo governo, do qual China e Cuba são os melhores exemplos. No Brasil, o modelo caminha para a parceria do sistema misto - o sistemático não-estatal - que é o ideal, oferecido por universidades e empresas, como nos Estados Unidos e no Japão. E o assistemático, em que a busca de talentos é feita de forma irregular. Nesse último, o aparecimento de uma estrela internacional é obra do acaso e fortuita combinação genética. Não acho que seja um processo que pertença só ao Estado. Carlos Nuzman (presidente do Comitê Olímpico Brasileiro) e a Lei Pelé estão tentando incluir no nosso sistema legislativo que a empresa assuma parte do custo da detecção de talentos e aprimoramento, pois hoje, quem mais lucra com isso é ela.”

AS QUALIDADES ESPECÍFICAS DO FUTEBOL

Como foi visto, o processo de seleção de futuros atletas de alto nível pode estar diretamente ligado ao processo de treinamento por muitos anos. O conteúdo de cada uma das fases está diretamente relacionado à necessidade de cumprir as exigências impostas aos candidatos. Como estas variam de um esporte para o outro, devemos analisar os critérios de cada modalidade para estabelecermos padrões seletivos.

A partir de agora, listaremos qualidades específicas do futebol para que o desempenho se torne satisfatório, usando a nomenclatura feita por Freire (1998), por acharmos mais completa e sensata. É bom enfatizar que não entraremos em detalhes para não perdermos de foco o estudo:

A) Habilidades do Futebol:

- *desarme;*
- *drible;*
- *lançamento;*
- *cruzamento;*
- *finalização;*
- *passo;*
- *controle da bola;*
- *condução;*
- *cabeceio;*
- *defesa do goleiro;*

B) Capacidades Motoras Básicas para o Futebol:

- *equilíbrio:* adaptação constante para as diversidades do jogo;
- *motricidade fina:* gestos sutis das extremidades do corpo na ação das jogadas;
- *velocidade de reação:* reação de defesa e ataque do goleiro e dos jogadores de linha;
- *força do chute:* eficiência nas finalizações;
- *velocidade de chute:* eficiência nas finalizações;
- *velocidade de deslocamentos:* capacidade de percorrer trechos curtos em alta velocidade;
- *agilidade:* capacidade de se deslocar em velocidade por diversas direções;
- *força geral:* facilitar o confronto de forças pelo contato corporal entre jogadores;
- *força de salto vertical:* eficiência de defesa e ataque do goleiro e dos jogadores de linha;
- *força de salto horizontal:* capacidade de impulsionar o corpo para frente no empreendimento de quase todas as habilidades como o chute, cabeceio, drible, etc.

C) A Integração das Habilidades:

[Freire (1998) tem a preocupação de afirmar que uma análise unilateral das capacidades e habilidades motoras são insuficientes para entender a lógica do gesto futebolístico. Como o gesto da ação é determinado por nossa vontade, essa sofre interferências de fatores racionais e emocionais, ou seja, interagindo com as capacidades perceptivas e cognitivas. Resume o autor:

“... as capacidades de força, de velocidade, de agilidade, entre outras, assim como as habilidades de chutar, de cabecear, de passar, etc., só resultam eficientes quando tornadas inteligíveis, lógicas, por integrarem, de forma

equilibrada, os fatores motores, os intelectuais, os sociais, os morais e os emocionais.” (p. 109)

Já que as habilidades se interagem, o autor as classifica como:

- *habilidades individuais*: finalização, condução, controle;
- *habilidades coletivas de oposição*: drible, desarme, defesas do goleiro;
- *habilidades coletivas de cooperação*: passe, cruzamento, lançamento;
- *habilidades cognitivas de integração*: habilidade de analisar logicamente o jogo como um todo, capacitando o jogador de antecipar jogadas, criar situações táticas ou técnicas de resolução defensiva ou ofensiva.

Quanto aos aspectos físicos, citaremos o padrão de Dragen (*apud* Bompa, 1983) para o futebol, no qual exigem-se: resistência à fadiga e ao *stress*, grande capacidade aeróbica e anaeróbica.

PROBLEMAS NA SELEÇÃO DE TALENTOS ESPORTIVOS

Posteriormente, este estudo tentará discutir a hipótese das “peneiras” estarem desrespeitando muitas influências na seleção de talentos, que poderiam vir a prejudicar substancialmente a prognose esportiva. Seriam os problemas da *prognose de rendimento em jogos esportivos coletivos*; *diferenças entre a idade cronológica da biológica*; *ansiedade e pressão*.

Por falta de informações mais técnicas e detalhadas, qualquer uma destas influências podem ter sido motivo nos constantes fracassos de *Cafu*, conforme já foi mostrado no início do estudo, e que podem estar acontecendo freqüentemente com crianças, adolescentes e jovens por “peneiras” onde na nossa opinião, estariam ocorrendo desperdícios desnecessário.

As “peneiras” nas quais *Cafu* participou, talvez não tivessem o conhecimento que um bom nível esportivo não é necessariamente alcançado *até* uma idade limite, mas

poderiam chegar da mesma forma, *precocemente* ou *tardamente*. Em outras palavras, pouco se respeita o potencial, e sim a impressão imediata que o nível de habilidade presente demonstra. Confirmando isso, afirma Lawther (1972): “... *somente um número muito pequeno de astros é escolhido sobretudo porque seu desempenho até o presente dá a impressão de que continuarão melhorando.*” (p. 197).

Isto nos faz pensar se não estariam as “peneiras” escolhendo indivíduos que se destacaram em um dado momento por uma mera “fatalidade”, afinal, como estamos analisando neste estudo, até mesmo a boa performance está propensa a sofrer flutuações, sendo difícil premeditar um talento num curto espaço de tempo.

Prognose de Rendimento nos Jogos Esportivos Coletivos

Após relacionarmos os padrões de excelência que um jogador deve possuir para exercer com sucesso o futebol, veremos algumas discussões ao que se refere à problemática na seleção do talento em jogos esportivos coletivos, especificamente no futebol, objeto desse estudo.

Para nós brasileiros, além das capacidades e habilidades fundamentais no futebol já citadas por Freire (1998), este encanta quando observamos um jogador realizar um lance “a mais” e de forma inusitada, mas plasticamente bonito.

Isto foi visto no maior ícone que o futebol mundial já teve, e que dispensa apresentações: Édson Arantes do Nascimento, o *Pelé*. Duarte (1993) faz uma definição romântica sobre sua performance:

“Felina astúcia e elegância fizeram com que ele fosse capaz de deslizar ao longo do campo em direção ao gol adversário, esperando uma fração de segundo para acelerar, pegando a defesa de surpresa, e criando inúmeros gols

para si mesmo e para os outros. A partir de situações aparentemente comuns e improváveis” (p. 105)

É por isso que a seleção em jogos desportivos é afetada por um grau de indeterminação. Estas dificuldades estão inseridas nas próprias características que os jogos exibem. Ao contrário de modalidades de carácter individuais como a natação, o ciclismo, o atletismo, onde o nível de performance está relacionado principalmente com as qualidades físicas mais solicitadas, afirma Sobral (1988) que o rendimento de um jogador de esporte coletivo, pressupõe uma complexa organização de fatores de mestria, de natureza técnica e tática, os quais são específicos de cada disciplina e dependem de um processo intencional e sistemático de aprendizagem; sabemos que estes são os pontos chaves nas “peneiras”, mas a análise é feita de maneira muito curta e rápida.

Para Filin & Volkov (1998), nos jogos esportivos os aspectos psico-fisiológicos devem receber importância, pois são eles que vão capacitar uma ação tática. Concluem os autores:

“... a característica das reações sensório-motoras, capacidade para resolver operativamente tarefas motoras, e controle do estado emocional sob condições adversas, desempenham um papel fundamental no processo da seleção para os desportos de equipes.” (p. 189).

Para Sobral (1988), o grau de dificuldade que afeta a prognose nos jogos esportivos está relacionado com a própria indeterminação das situações em que decorre a performance individual. E mais, segundo o autor, o carácter imprevisível de sua ocorrência, a instabilidade de referências externas que o jogador deve se submeter às suas respostas e a sequência acíclica dos esforços “... são condições impeditivas da construção de instrumentos de medida comparáveis, em termos de validade, garantia e standardização,

aos que utilizam na prognose do rendimento em desportos individuais.” (p. 100).

Logo, podemos reparar que esta complexidade não pode ser solucionada em uma seleção feita de maneira curta e rápida, como acontecem nas “peneiras”. É por isso que, é aconselhável um acompanhamento pedagógico nas iniciações esportivas para um prognóstico ser confiável. Assim, Weineck (1998) menciona e concordamos, não se deve considerar somente o estado de desenvolvimento no momento da avaliação, mas as *possibilidades* de desenvolvimento adicional do atleta, a abrangência do desenvolvimento da iniciação como forma de treinamento até então executado, e idade cronológica e a idade biológica que podem sofrer variações, como veremos a seguir.

Idade Cronológica e Idade Biológica

O desenvolvimento do organismo ocorre de forma contínua, sendo que foram convencionados mundialmente o limite das faixas etária. Como cada organismo desenvolve-se individualmente e possui suas próprias características, segundo Filin & Volkov (1998), é difícil determinar com exatidão o término e o início das fases de desenvolvimento, por isso estes autores recomendam o reconhecimento paralelo à idade cronológica, a idade biológica - fisiológica -, sendo esta caracterizada, como nível de desenvolvimento físico, das possibilidades motoras da criança, do grau de puberdade, da idade óssea dos distintos ossos do esqueleto e pelo desenvolvimento da arcada dentária.

Afirmam estes autores, ilustrando estas diferenças fisiológicas com a idade, que a idade biológica dos adolescentes com baixos índices no desenvolvimento físico, podem ser inferiores em 1 ou até 2 anos, e nos adolescentes com elevado desenvolvimento físico, ocorre o inverso, podendo a idade biológica superar a cronológica em 1 ou 2 anos.

Desta maneira, Filin & Volkov (1998) afirmam que as capacidades formam-se de

maneira irregular, ocorrendo períodos de desenvolvimento acelerado e desacelerado, reflexo dos diferentes níveis de desenvolvimento na puberdade. Nesse momento podem ou não ocorrer resultados prematuros na pré-disposição desportivas.

Weineck (1999) comenta que estes desvios da idade esquelética passam a se desenvolver somente de maneira normal após o 16º ano de vida para garotos. O índice máximo de diferença entre indivíduos de desenvolvimento precoce, normal e tardio é encontrado aos 13 anos de idade. Ainda menciona as variáveis: resistência, estatura, força e o peso que estão intimamente ligados com a idade biológica.

Sobre esta diferença entre idade cronológica e fisiológica, enfatiza Sobral (1988, p. 39):

1. O nível das qualidades físicas acompanha o crescimento geral do corpo.
2. O crescimento é um continuum de configuração previsível.
3. O crescimento e o desenvolvimento das qualidades físicas estão sujeitos ao ritmo de maturação.
4. Este ritmo não é uniforme, podendo apresentar variações interindividuais importantes.

Na seleção de talentos, este problema pode acarretar em um julgamento enganoso por parte dos avaliadores. Sobral (1988) mostra toda sua preocupação - no que concordamos plenamente - citando dois exemplos: um jovem sendo reprovado por não equivaler em termos físicos e de rendimento com companheiros da mesma idade. Uma análise mais profunda pode mostrar que possui um nível de maturação retardada, mas que possui um nível técnico superior potencial aos companheiros que em termos físicos, agora o superam.

Outro exemplo é que o inverso pode acontecer: um jovem de sucesso no escalão etário, ao subir para uma categoria superior, não cumpre com as expectativas porque, no

passado, tirou proveito de sua maturação avançada nos quesitos estruturais e fisiológicos, mas que, passando estas diferenças, demonstra não possuir o talento suficiente para prosseguir carreira em um nível elevado.

Ansiedade e Pressão

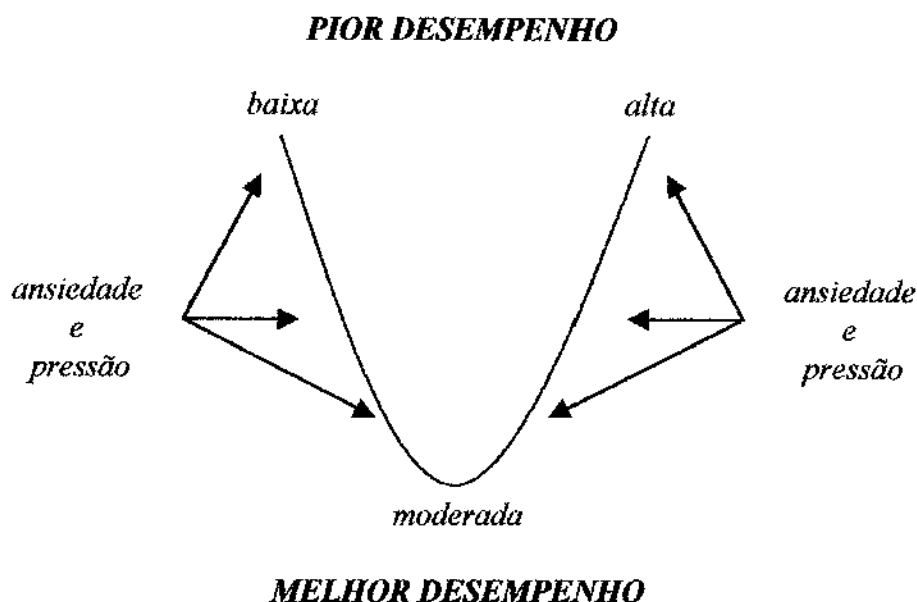
Outro fator a ser relacionado na seleção de talentos é o quanto influenciam no rendimento esportivo, o nível de ansiedade e pressão.

Desta maneira, Sabock (1985) afirma que a maior dificuldade na avaliação de um jogador, é determinar como cada atleta vai se portar no jogo, assim, o treinador deve identificar o mais rápido possível quem seriam os “*ganhadores*” (p. 67).

Segundo Singer (1977), “... *ansiedade é a expressão da personalidade de um indivíduo.*” (p. 95). Onde seu nível está condicionado à pressão imposta, ao nível de habilidade, e a natureza da atividade. Portanto, pressão está ligada à ansiedade, definida como a “... *a quantidade de perigo associado com uma dada situação*” (p. 96).

Relacionando-se com o esporte, fica claro que os efeitos da ansiedade sofrem flutuações, podendo gerar efeitos incomuns no desempenho, de forma que tudo dependerá de como será a natureza da atividade, onde e sob quais condições, além dos níveis de habilidade individual.

Para Singer (1977), a hipótese do U invertido relacionado à Lei Yerkes Dodson (p. 96) implica que, sendo mantidas constantes as variáveis, muito pouca ansiedade ou ansiedade excessiva são prejudiciais ao desempenho esportivo; sendo assim, um nível ideal de ansiedade deverá ocorrer no participante em “peneiras” para uma apresentação satisfatória. Observe o diagrama do U invertido.



Com base nestes dados, o autor sugere que para cada atleta, existe um tipo de ansiedade frente a uma competição, e o tipo de motivação do treinador também terá influência no desempenho. Logo, se um atleta for ansioso, o treinador não deveria motivá-lo demasiadamente, pois ele já estaria em seu ápice emocional, já o indivíduo sem ansiedade deveria ser motivado na melhoria de seu desempenho.

Afirma ainda Lawther (1972) que a experiência do aumento gradativo da tensão eleva o seu grau de tolerância a uma grande tensão, onde “... *ele se torna emocionalmente mais estável e reage sem deterioração do desempenho, e até mesmo com melhoria, quando submetido a condições extenuantes*” (p. 98).

Na nossa opinião, apesar de talentoso, um adolescente pode ter seu desempenho prejudicado em uma “peneira” devido ao grande nível de ansiedade e pressão que naturalmente estará presente, por exemplo: o medo do fracasso; fatores externos - como familiares presentes -; a grande disputa frente a inúmeros candidatos; o curto tempo de observação no jogo; e ainda por cima seu próprio desempenho na partida.

Porém, segundo Sabock (1985), o jogo coletivo ainda é o melhor método de identificação desta influência psicológica. Desta maneira, fica claro que o problema não é

o jogo em si, mas quando ele é aplicado, sob qual condição, e em que estado se encontra o equilíbrio emocional do candidato.

CAPÍTULO 2: PESQUISA DE CAMPO

2.1- METODOLOGIA

Iniciaremos agora a pesquisa de campo, na qual a intenção foi coletar informações que dizem respeito a prática da seleção de talentos em clubes, confrontando com a teoria até então discutida, a fim que possamos ao final deste estudo, tecer algumas considerações gerais sobre o tema.

Como metodologia para a pesquisa de campo, consideramos entre outros recursos existentes para a investigação, o método de estudo de caso, utilizando a entrevista como coleta de informações, e fazendo junto ao texto, um processo participativo.

As entrevistas basearam-se nos responsáveis pelas categorias de base de cada um dos três clubes frente a seleção de talentos, ou suas “penciras”. Tentamos obter informações dos entrevistados no que se refere a metodologia aplicada no clube, assim como o entendimento do entrevistado sobre o assunto.

Não será revelado o nome do entrevistado nem a origem do clube⁹, apenas constará informações condizentes ao tema, lembrando que não é a intenção do estudo, criticar a metodologia empregada pelos clubes na seleção de talentos.

A entrevista foi feita pessoalmente, a partir de um formulário básico, na qual as entrevistas foram feitas de maneira despadronizadas, ou seja, apesar de conter questões

⁹ Por questões metodológicas, lembramos ao leitor que o nosso objetivo foi de manter o nome dos clubes em sigilo, identificando-os apenas por letras.

específicas, foi aplicada de maneira informal não sistematizada, onde tínhamos a liberdade de explorar amplamente uma questão¹⁰.

O formulário procurou buscar informações no que se refere: a característica do ambiente; sistema de seleções, organização e estratégia; recursos humanos e por fim observações pessoais do pesquisador/ entrevistador.

Como material foi utilizado um microcassete gravador *Panasonic*, modelo RN-102.

¹⁰ Apresentamos como anexo, o roteiro realizado nas entrevistas.

2.2- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões que se seguem são decorrentes das entrevistas realizadas, onde constarão apenas o eixo central das respostas, não respeitando meticulosamente a linguagem pessoal do entrevistado, mas apenas informações as quais entendemos serem necessárias para o desenvolvimento do texto.

CLUBE A

A.1. Características do Ambiente.

Apesar do clube possuir sede própria localizada dentro da cidade, as “peneiras” são realizadas em bairros periféricos de toda a região de Campinas. Os campos de futebol vem sendo cedidos pela prefeitura nos últimos dois anos. A justificativa pelo fato, explicada pelo entrevistado, é que o número de candidatos é grande, tal procedimento poderia implicar em danos ao campo oficial do clube.

A.2. Sistema de Seleções.

Organização:

A.2.1- Como é feito o cadastramento?

- *qual/quais épocas do ano*: entre janeiro e maio;
- *taxa de inscrição*: não.
- *exame médico*: não.
- *questionário pessoal*: não.

- *limite de idade*: divisão por categorias (infantil 84/85, juvenil 83/82 e juniores 79/80/81).

A.2.2- Como é feito o procedimento?

- *dia definido para a seleção*: de acordo com a disponibilidade de campos.
- *divisão - idade cronológica e biológica*: é feito apenas por idade cronológica. Os mais avantajados fisicamente e tecnicamente “... *recebem desconfiança*.”, afirmou o entrevistado: “... *you pode começar a desconfiar porque com certeza você vai ter problema*.”, em relação aos “gatos”¹¹.
- *divisão de posições*: original do candidato.
- *coletivos aplicados*: um.
- *tempo de coletivo*: 40/50 minutos em média.
- *encaminhamento*: os melhores recebem novas chances e podem ficar até dois meses em observação.
- *processos de seleção*: a “peneira” anual no começo do ano; checagem de indicações que acontecem ao longo do ano; algumas poucas excessões em escolinhas de futebol, motivo: os campos são grama sintética, menores que oficial, e não são feitos trabalhos de fundamentos, dificultando a adaptação aos campos de grama natural.

Estratégias:

A.2.3- Quais são os critérios de avaliação?

- *interesses específicos do clube interferindo na avaliação do técnico*: não, a confiança nos técnicos é plena.
- *padrão de avaliação*: qualidades técnicas, táticas, cooperativas, posicionamento,

¹¹ “Gato” é uma gíria futebolística brasileira dirigida aos adolescentes que possuem documentos falsificados para se passarem por menores do que são cronologicamente em suas certidões de nascimento. Assim, nas “peneiras” tiram proveito de seu avantajado físico sobre os outros cronologicamente “normais”.

cobertura. Nem sempre o que faz gol é quem foi bem, a avaliação é teoricamente geral, onde um candidato pode ser aprovado, como afirma o entrevistado: “... *mesmo sem encostar na bola.*”, esta condição de avaliação é previamente dita aos candidatos.

- *número de aprovados*: de 5000 durante o ano, entre 5 a 10 garotos.
- *os “olheiros”*¹²: estes conhecem todos os jogadores que as categorias inferiores possuem, ou seja, eles sabem as qualidades dos jogadores que já estão no clube; acompanham todos os treinos. São cinco que viajam pelo Brasil inteiro, e vários contatos incluindo ex-jogadores. Quando acontece uma indicação, eles enviam um “olheiro” para o lugar e lá ele aplica uma “peneira”, trazendo os aprovados para teste no clube.

A.3. Recursos Humanos.

Quem são as pessoas que aplicam as peneiras?

- *formação dos responsáveis*: dos três técnicos das categorias, um possui formação acadêmica.
- *quantos atuam*: um ou dois “olheiros”, treinadores das categorias.
- *modo de atuação*: todos opinam.
- *tomada de decisões*: última palavra é sempre do treinador responsável pela categoria.
- *experiência no assunto*: três treinadores das categorias de base já foram jogadores do clube “... *por coincidência.*”, afirmou o entrevistado.

¹² “Olheiro” é uma gíria usada no Brasil para pessoas ligadas ao futebol que, espalhados pelo país, indicam talentos para clubes ou técnicos de confiança. Como “olheiros” podemos encontrar ex-jogadores, pais, empresários, técnicos e etc.

A.4. Observações Pessoais do Pesquisador/ Entrevistador.

Ao analisarmos os dados acima, constatamos que certas previsões feitas por nós durante o texto teórico aparecem na prática. Pois, apesar de notarmos que a categoria de base do clube ser bem administrada, a seleção parece ser bem aplicada, apenas, a partir do infantil, até o possível encaminhamento para o profissional.

Apesar de respeitar requisitos básicos como divisão de posições e dias pré-estabelecidos, o problema porém, fica a cargo da primeira seleção, a “peneira”. O entrevistado parece ter muita certeza que, entre quarenta e cinquenta minutos, o candidato tem plenas possibilidades de mostrar sua qualificação frente aos outros. Neste ponto, lembramos o aspecto ansiedade e pressão que não são considerados, inclusive o entrevistado afirma que se o candidato estiver em um dia ruim, “... *ele dança*.”, referindo-se aos garotos em testes. Isto comprova nossa tese de que em 40 minutos um “olheiro” ou técnico decidem a escolha de um atleta.

O fator exame médico e idade cronológica e idade biológica em nenhuma hipótese são levados em consideração, assim se um indivíduo for avantajado fisicamente – lembremos do texto teórico, onde a diferença pode se dar por até dois anos – provavelmente suas chances de destaque vão ser engrandecidas frente aos “... *fransinos*.”. Inclusive, o entrevistado acredita que na “peneira”, só pelo “olho clínico”, cerca de 60% dos garotos inscritos já poderiam ser desqualificados, afirma ele: “*O moleque é baixinho e joga de zagueiro. Nós sabemos que não vai dar certo*”. Assim o preconceito já está estabelecido, suas chances de qualificar-se, já tornam-se “críticas”.

Acreditamos que o esquema de indicação através das diversas formas apresentadas pelo entrevistado, talvez seja uma forma um pouco mais confiável se levármos em consideração que as indicações partem de pessoas experientes, os “olheiros” ex-jogadores. Mas isto pode ser considerado parte da seleção natural tornando-se mais difícil, e o custo

benefício parece não ser tão eficaz já que aproximadamente 5000 candidatos por ano, apenas 5/ 10 atletas são qualificados para seguirem em frente, na tentativa de se tornarem profissionais.

Nossa tese está apoiada que o critério é apenas empírico e todas as informações científicas são desprezadas.

CLUBE B

B.1. Características do Ambiente:

O clube aplica as “peneiras” no seu Campo de Treinamento e em vários campos de bairros de toda a região de Campinas na qual são feitas as seleções.

B.2. Sistema de Seleções.

Organização:

B.2.1- Como é feito o cadastramento?

- *qual/quais épocas do ano*: oficialmente um período feito no clube de janeiro a fevereiro, duas vezes por semana, e várias “peneiras” não oficiais ao longo do ano nas diversas regiões de Campinas;
- *taxa de inscrição*: não.
- *exame médico*: não.
- *questionário pessoal*: não.
- *limite de idade*: divisão por categorias (dente de leite, infantil, juvenil e juniores).

B.2.2- Como é feito o procedimento?

- *dia definido para a seleção*: específico no clube; pela região é feito na hora.
- *divisão - idade cronológica e biológica*: é feito apenas por idade cronológica.
- *divisão de posições*: original, invariavelmente sugerem posição diferente aos candidatos.
- *coletivos aplicados*: um.
- *tempo de coletivo*: mínimo 40 minutos.
- *encaminhamento*: os melhores recebem outras chances; alguns obtêm grande resultados no mesmo ano, outros precisam ser melhor trabalhados.

- *processos de seleção*: “peneira” na primeira fase, e na região ao longo do ano; checagem de indicações por todo Brasil que acontecem continuamente, convênio com muitos clubes amadores.

Estratégias:

B.2.3- Quais são os critérios de avaliação?

- *interesses específicos do clube interferindo na avaliação do técnico*: sim, existe um perfil de jogadores traçados em reuniões entre técnicos.
- *padrão de avaliação*: antes do coletivo: intuição; qualidades técnicas; habilidade e qualidades de cada posição, por exemplo: zagueiro forte de boa explosão muscular, impulsão, etc., e “... intimidade com a bola.”. Fundamentos e posicionamento são ensinados e aperfeiçoados aos que são aprovados. Os atacantes e meias talentosos são, para o entrevistado, “fáceis” de serem identificados, pois é um “dom” advindo divinamente.
- *número de aprovados*: de 3000 em Campinas e 2000 que vem “fora de hora” durante o ano, entre 10 a 17 garotos.
- *os “olheiros”*: passam de vinte; só do técnico entrevistado são 12 - ex-jogadores, hoje treinadores -. Quando acontece uma indicação, eles enviam um “olheiro” para a localidade, e lá ele aplica uma “peneira” trazendo os aprovados para teste no clube. Não há discriminação antes dos testes serem efetivados.

B.3. Recursos Humanos.

Quem são as pessoas que aplicam as peneiras?

- *formação dos responsáveis*: acadêmica.
- *quantos atuam*: treinadores das três categorias, e outro auxiliar.
- *modo de atuação*: todos opinam, destaque ao trabalho em grupo, por defenderem

interesses do clube, e não pessoal.

- *tomada de decisões*: em grupo, destaque à confiança entre os técnicos.
- *experiência no assunto*: 24 anos

B.4. Observações Pessoais do Pesquisador/ Entrevistador.

Acreditamos que particularidades indispensáveis na seleção de talentos coerente não são respeitadas, como a diferença entre idade biológica e cronológica, histórico, e algumas opiniões específicas do entrevistado que merecem reflexão.

Uma coisa interessante, é que neste clube parece respeitar melhor os sonhos dos candidatos, quando o entrevistado relata que, particularmente, não gosta da prática da Inscrição - apesar de ser feita por norma do clube - por iludir o indivíduo. Também, uma visão não preconceituosa sobre a idade alvo de talentos, destacando a flexibilidade entre idades no caso de ser possível identificar talentos desde os 12 aos 19 anos.

Algo que achamos inusitado, foi o entrevistado dizer possuir uma qualidade pessoal que é a intuição, antes mesmo de se aplicar o coletivo. Tal afirmação soou prepotente principalmente com afirmações que o “olho clínico” é uma qualidade única das pessoas que trabalham com categorias de base.

Por último, alguns conceitos relatados pelo entrevistado parecem ser discutíveis, como a afirmação que o indivíduo que brinca com a bola, geralmente não progride, ao contrário do gênio e artista da bola, que possui uma qualidade inata, segundo ele: “... o gênio, é um dom que veio de Deus”.

CLUBE C

C.1. Características do Ambiente.

Campos da região de Campinas e convênio com as prefeituras.

C.2. Sistema de Seleções.

Organização:

C.2.1- Como é feito o cadastramento?

- *qual/quais épocas do ano*: o ano todo, mas de preferência, de janeiro até março.
- *taxa de inscrição*: não
- *exame médico*: sim, exigência de atestado médico da cidade de origem.
- *questionário pessoal*: sim
- *limite de idade*: divisão por categorias (infantil, juvenil e juniores).

2.2- Como é feito o procedimento?

- *dia definido para a seleção*: 30 dias de antecedência, o garoto faz a inscrição na secretaria de esportes, na prefeitura de sua cidade.
- *divisão - idade cronológica e biológica*: biológica, acompanhamento de fisiologista.
- *divisão de posições*: original, invariavelmente sugerem posição diferente.
- *coletivos aplicados*: não fazem no primeiro momento por ser perigoso a perder jogadores, em um segundo momento, após o funilamento, o coletivo é substituído por tempo normal de jogo.
- *tempo de coletivo*: idem a resposta anterior.
- *encaminhamento*: idem a resposta anterior.
- *processos de seleção*: acordo com prefeituras. A prefeitura ou a própria administração

do Clube C solicitam uma “peneira”. O clube sugere a criação de um campeonato regional, e por exemplo: os 12 melhores times seriam escolhidos pela prefeitura para finalmente verificação do Clube C. Indicação por “olheiros” ostentam um cronograma, onde um certo número de candidatos indicados vão para o alojamento, e quatro serão flutuantes, ou seja, terão dias específicos para jogarem com os mesmos de sua categoria, para constatação de talento.

Estratégias:

C.2.3- Quais são os critérios de avaliação?

- *interesses específicos do clube interferindo na avaliação do técnico*: sim, destaque à filosofia do clube.
- *padrão de avaliação*: destaca cinco fatores correlacionados: postura - como verificação de saúde e deficiência física -, domínio; habilidade; impulsão e agilidade.
- *número de aprovados*: de aproximadamente 500 garotos, um é aprovado.
- *os “olheiros”*: mais de 150 por todo o Brasil, sendo que desses todos, quatro ou cinco são de plena confiabilidade de uma boa indicação.

3- Recursos Humanos.

3.1- Quem são as pessoas que aplicam as peneiras?

- *formação dos responsáveis*: o departamento de categoria de base é novo, ainda não está totalmente formado. Mas o entrevistado dá importância para o trabalho mútuo entre acadêmicos e leigos.
- *quantos atuam*: 5. São 3 técnicos e um responsável interligado e estes, e o coordenador da categoria de base.
- *modo de atuação*: todos dão opinião, destaque o trabalho em grupo por defenderem interesses do clube, e não pessoal.

- *tomada de decisões*: individual, no caso de indicações, três técnicos dão opiniões que chega ao coordenador da categoria de base, lacrado em um envelope, onde este vai analisar os dados e aprovar ou não um candidato. Ainda, defende a implantação de assistentes sociais para acompanhamento de trabalho psicológico.
- *experiência no assunto*: 31 anos trabalhando no futebol, especialmente em categorias de base.

4- Observações Pessoais do Pesquisador/ Entrevistador.

Primeiramente, devemos esclarecer que algumas informações não foram totalmente esclarecidas porque a categoria de base do clube foi totalmente reformulada, em breve, este tornar-se-a clube-empresa adaptando às novas leis, portanto, os métodos de seleção ainda não foram aplicados na prática pelo novo departamento, mas a estrutura administrativa que o entrevistado descreveu, já havia sido aplicada anteriormente por clubes na qual já havia trabalhado.

A primeira característica interessante que observamos, foi que o entrevistado disse não usar a palavra “peneira” por ser pejorativa, defendendo sua abolição do futebol. Explica ele que as “peneiras”, assim como as escolinhas de futebol são feitas para “... *agradar o menor.*”, possuem um valor social. O sistema deveria partir da iniciativa dos próprios clubes interessados na detecção do talento, indo aos diversos clubes amadores ou escolinhas de origem do indivíduo, pois apesar ser um ambiente social, é nesse lugar que o indivíduo normalmente apresenta seu real potencial no futebol, sem sofrer influência da ansiedade por exemplo. Completa o entrevistado: “... *mostrar tudo em dez minutos, acho que nem o Pelé conseguiria*”. Tal afirmações tornam-se coerentes se lembrarmos do texto teórico quando se refere a ansiedade e pressão.

Para ele, a “peneira” já é um meio de discriminação, pois o “poder” do ser humano

é ilimitado. Ninguém pode saber até aonde irá chegar. Complementando, destaca a dedicação de alguns candidatos como superação de algumas deficiências técnicas.

Este clube parece ser o que mais se identifica com a teoria presente neste estudo, onde além da organização administrativa ser bem executada, a maioria das particularidades referentes à seleção de talentos são respeitadas, inclusive o entrevistado destaca os métodos russos de seleção, mostrando ter conhecimentos mais profundos no assunto.

Por outro lado, mesmo sendo conhecedor do assunto, tal profissional não possui formação acadêmica. Desta maneira, também podemos notar que o fator empírico pode, ou não, estar relacionado com uma administração metodológica satisfatória.

2.3- ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Antes de entrarmos e especificarmos as considerações gerais, organizamos um quadro buscando pontos de convergência e divergência nos três casos pesquisados.

Seu objetivo é de ampliar o debate e facilitar a visualização na leitura de frases, lembrando da participação do pesquisador por suas interpretações sobre o fenômeno.

QUADRO I – Respostas dos entrevistados à pergunta 2.1 quanto à organização no Sistema de Seleções.

PERGUNTA 2.1. Como é feito o cadastramento?			
INDICADORES	CLUBE A	CLUBE B	CLUBE C
<i>qual/quais épocas do ano</i>	início e durante o ano	início e durante o ano	início e durante o ano
<i>taxa de inscrição</i>	não	não	não
<i>exame médico</i>	não	não	sim
<i>questionário pessoal</i>	não	não	sim
<i>limite de idade</i>	divisão por categorias	divisão por categorias	divisão por categorias

QUADRO II – Respostas dos entrevistados à pergunta 2.2 quanto à organização no Sistema de Seleções.

PERGUNTA 2.2. Como é feito o procedimento?			
INDICADORES	CLUBE A	CLUBE B	CLUBE C
<i>dia definido para a seleção</i>	sim	sim	sim
<i>divisão – idade cronológica e biológica</i>	não	não	sim
<i>divisão de posições</i>	original do candidato	original do candidato	original do candidato
<i>coletivos aplicados</i>	um	um	sistema diferenciado
<i>tempo de coletivo</i>	entre 40/50 min.	mínimo 40 min.	sistema diferenciado
<i>encaminhamento</i>	aprovados passam por período de teste no clube	aprovados passam por período de teste no clube	aprovados passam por período de teste no clube
<i>processos de seleção</i>	“peneira” e indicações	“peneira” e indicações	“peneira” e indicações

QUADRO III – Respostas dos entrevistados à pergunta 2.3 quanto à estratégia no Sistema de Seleções.

PERGUNTA 2.3. Quais são os critérios de avaliação?			
INDICADORES	CLUBE A	CLUBE B	CLUBE C
<i>interesses específicos do clube interferindo na avaliação do técnico</i>	não	sim	sim
<i>padrão de avaliação</i>	habilidades, capacidades motoras e integração de habilidades	capacidades motoras e integração de habilidades	habilidades, capacidades motoras e integração de habilidades
<i>número de aprovados</i>	5 a 10 entre 5000	10 a 17 entre 5000	1 a cada 500
<i>os “olheiros”</i>	diversos	diversos	diversos

QUADRO IV – Respostas dos entrevistados à pergunta 3 quanto aos Recursos Humanos.

PERGUNTA 3. Quem são as pessoas que aplicam as peneiras?			
INDICADORES	CLUBE A	CLUBE B	CLUBE C
<i>formação dos responsáveis</i>	mista	acadêmica	mista
<i>quantos atuam</i>	3 técnicos e 4 “olheiros”	3 técnicos e 1 auxiliar	3 técnicos e 2 superiores
<i>modo de atuação</i>	em conjunto	em conjunto	em conjunto
<i>tomada de decisões</i>	individual do técnico da categoria	em conjunto da comissão técnica	individual do técnico e/ou do coordenador
<i>experiência no assunto</i>	técnico ex-jogador	24 anos	31 anos

Podemos observar no Quadro I que as convergências entre os três clubes se encontram no período de seleção durante o ano; divisão de idades por categorias; e pela não cobrança de taxa de inscrição. Quanto as divergências, podemos observar que o Clube C, ao contrário dos outros, exige exame médico e questionário pessoal dos candidatos, obedecendo o que teoricamente estaria correto, segundo nos indicou o estudo anterior.

Quanto ao Quadro II, as convergências encontram-se com o respeito à escolha dos candidatos à divisão de posição dentro de campo; o encaminhamento dos aprovados para período de teste no clube, atitude sensata, segundo a teoria discutida; e o sistema de seleções baseado nas “peneiras” e indicações. As diferenças consideradas quanto à idade biológica e cronológica, segundo o estudo nos mostraram, e que são indispensáveis para uma avaliação satisfatória, mais a interessante proposta, conforme demonstrou os resultados da entrevista, sobre o sistema diferencial de procedimento no Clube C foram os pontos de divergência deste quadro.

No Quadro III as convergências entre os clubes encontram-se quanto aos poucos candidatos aprovados nas “peneiras”, e o considerável número de “olheiros” relacionados. O não interesse específico do Clube A interferindo na avaliação do técnico no sistema de seleção, e o padrão de avaliação do Clube B que, conforme os resultados da entrevista mostraram, estão voltados a “lapidar” os aprovados promissores, ao contrário dos outros, que almejam talentos “prontos” são os pontos de divergência deste quadro.

Para finalizar, as convergências no Quadro IV encontram-se quanto ao caráter de atuação dos responsáveis na seleção de talentos, baseado na formação de comissão técnica; e o caráter da grande experiência no assunto, presume-se que o empirismo é destacado pela valorização das pessoas experientes no assunto futebol. A formação dos responsáveis possui três dados diferentes nos três clubes, onde apesar do Clube C ainda não ter formado um novo departamento de categorias de base, lembremos que o entrevistado valoriza a atuação do leigo junto ao acadêmico; e a tomada de decisões em conjunto da comissão técnica no Clube B são os pontos de divergência deste último quadro.

2.4- DO SONHO À REALIDADE – REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO DO TÉCNICO

Mesmo se levarmos em consideração que as “peneiras” selecionam candidatos que podem futuramente integrar equipes profissionais, vindo a tornarem-se atletas na concepção da palavra, remunerados pelo seu trabalho esportivo e, da mesma maneira, cobrados por resultados positivos e negativos, não podemos esquecer que, por trás destas “peneiras”, existem sonhos a serem respeitados destes candidatos.

Um grande número de meninos brasileiros vêem no futebol o único caminho para a fama e a fortuna. Mas, mesmo para os jogadores que conseguem ser contratados por clubes da primeira divisão - onde sabemos que são poucos -, a realidade costuma passar longe dos salários e contratos milionários, “... *uns poucos ganham um mundo, quase todos ganham pouco*” mostra a reportagem “O Show Não Deve Parar” do Jornal da Tarde / SP em 12/07/1998, Caderno Domingo. Porém, esses sonhos são que garantem o futuro e justificam o estigma de que esta é a “terra do futebol”.

Quando crescemos, começamos a criar metas onde a profissão é um dos fatores mais importantes da nossa escolha na maturidade.

Alguns querem ser médicos, engenheiros, arquitetos e etc., assim como outros desejam ser atletas de futebol. Este último, ao contrário das outras, não depende exclusivamente do indivíduo. Existe uma estrutura organizacional que, por ser empírica - sem desmerecer o empirismo, porque as experiências também são muito importantes na nossa formação pessoal e profissional em que decidem em um curto espaço de tempo de jogo a escolha de poucos, “destruindo” assim os sonhos de muitos outros.

Este item é lembrado por Moreira, Pellegrinotti & Hebling (1992), pelo direito e o

dever das crianças sonharem, deve-se permitir a elas a viagem ao mundo do impossível, afirmam os autores: “... *é uma ação negativa, do ponto de vista pedagógico, retirar da criança, precocemente, o direito de acreditar que o difícil, ou até o impossível, possa de fazer possível*” (p. 82). Concluem que a prática de viver fantasias já está estimulando na criança o uso mais intenso e ousado de sua inteligência.

É neste momento que entra a preocupação com o técnico e suas ações para com os jovens. Montagner (1993) afirma que o técnico deve ser, além de tudo, um educador esportivo, sendo capaz de usar virtuais possibilidades de seus atletas sem deles abusar nos mais diversos aspectos. Ainda completa:

“O técnico-educador deve ensinar e transmitir os conceitos do esporte de competição não apenas ao atleta presente, mas para o homem futuro, aquele que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isto, o esporte não deve ser um fazer simplesmente mecânico, mas ser um incorporador de atitudes, um formador integral de personalidade.” (p. 95)

Quanto a este conceito, Brighton (1998) parece possuir idéias semelhantes, só que junto com conscientização pessoal e profissional do técnico-educador, defende a autora, que seria interessante existir uma formação adequada do profissional da área, enfatizando:

“A preparação dos treinadores é de fundamental importância não só para o processo desportivo, mas para toda a formação do praticante, pois a construção de hábitos e atitudes são marcantes no processo de desenvolvimento de crianças e jovens. Antes de prepararem atletas, estão formando pessoas, por isso a importância do conhecimento do processo de formação de crianças e jovens em todos os domínios.” (p. 124)

Moreira, Pellegrinotti & Hebling (1992) continuam a crítica aos técnicos e até pais que exigem dos menores qualidades que ainda não se desenvolveram por inteiro e que

talvez nem venham a acontecer. Afirmam os autores:

“Forçar a criança jogadora de futebol a imitar ou acompanhar o modelo adulto, principalmente na tentativa de automatizar a reação, é negar-lhe a utilização da inteligência, ou, é transformar essa faculdade em memória apenas, armazenadora da repetição mecânica” (p. 81)

Desta maneira, apesar de visarem um futuro futebol de resultados e lucro, as “peneiras” devem ter uma visão humana de seus candidatos, são crianças, adolescentes e jovens ainda em formação, que ainda não apresentam suas melhores qualidades de performance. Deve ser levado em consideração o respeito ao desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo dos indivíduos.

Vale registrar, conforme o debate teórico e as visões dos vários autores aqui citados, que a seleção de talentos tem o objetivo de descobrir, através de métodos coerentes, esportistas em potencial para que talvez um dia, tornem-se atletas de fato. Assim, aumenta a responsabilidade do técnico quanto às suas atitudes frente aos candidatos, pois junto à reprovação pode ocorrer a perda de sua auto-estima e dignidade, sendo problemático se lembrarmos que sua personalidade está em desenvolvimento.

Não há necessidade de expressões de alto nível para transmitir aos reprovados a decisão tomada, todavia, ganham importância podendo ser bem conduzida com “pequenos gestos” de incentivo e esperança aos que, pelo menos no momento, não correspondem a um futebol de alto nível de performance desportiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Listaremos a seguir, algumas considerações pertinentes sobre a Seleção de Talentos no Esporte, caso do futebol, que levantamos neste estudo.

Para que o esporte de alto nível seja rentável, uma seleção de talentos deve seguir métodos coerentes de planejamento administrativo e científicos.

A discussão sobre o talento e a pré-disposição desportiva ainda são motivos de controvérsia no que se refere à formação e prognosticação individuais.

Como padrão de seleção de talentos, a performance desportiva ainda é o método mais eficiente, contanto que seja analisado como um modelo multidimensional. Alguns fatores deste modelo apresentam características de fácil mensuração, ao contrário de outras.

A seleção de talentos no esporte feita de maneira mais segura, exige que seja feita em etapas divididas em períodos anuais com acompanhamentos pedagógicos, psicológicos, médicos e treinamentos físicos, porém, tais métodos referentes também são discutíveis.

Durante o processo de seleção, existem particularidades do desenvolvimento e comportamento humano que devem ser respeitadas por serem passíveis de mudança, e que podem influenciar positivamente ou negativamente na prognosticação de candidatos.

A pesquisa mostrou que o sistema de seleções de talentos nos clubes são semelhantes, empregando métodos basicamente empíricos, tal metodologia apresenta limitações. Isto porém, não significa estarem errados pelo próprio histórico quanto à grande quantidade de talentos revelados.

Estas informações contribuem para que, provavelmente, a cada ano que se passa,

estamos revelando menos jogadores do que potencialmente poderíamos e que muitos “Cafus” possam estar sendo desperdiçados por “peneiras” afora.

Se observármos que de 5000 candidatos aproximadamente 0,1% são aprovados, o que fazer com o sonho dos outros 99,9%, se as “peneiras” não demonstram segurança por serem basicamente empíricas?

Esta preocupação levantada pelo estudo, mostra que o tema pode ser melhor pesquisado por pessoas que gostam do futebol e pela própria comunidade científica. Talvez o volume de estudos sobre o treinamento de alto nível no esporte seja muito maior que o de sistema de seleções de talentos, e se estes apresentam sérias limitações, o próprio desenvolvimento do esporte pode estar sendo prejudicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, M., R., F., FIGUEIRA, A., J., Jr. Performance Desportiva: uma análise multidimensional. **Revista Treinamento Desportivo**, Londrina, Midiograf, v. 1, n. 1, 1996. p. 58 – 72.
- BRIGHTON, M., D., S., B. Desporto de Base: uma preocupação necessária. *In*: SILVA, F., M. **Treinamento Desportivo: reflexões e experiências**. João Pessoa: Universitária, 1998.
- BOMPA, T., O. **Theory and Methodology of Training: the key to athletic performance**. Dubuque: Kendally/ Hund, 1983.
- CAFU: um brilhante capitão. **Revista do Palmeiras**, São Paulo, Escala, v. 2, n. 16, 1996. p. 8 – 17.
- CAMPOS, W. Criança no Esporte. **Revista Treinamento Desportivo**, Londrina: Midiograf, v. 3, n. 3, 1998. p. 48 – 53.
- CURADO, J. Seleção no Desporto: aspectos parciais. *In*: Comunicações da 1ª Clínica ANTb (Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol). **Selecionar, Dirigir, Preparar: tarefas do treinador**. Lisboa: Compendium, 1980.

DUARTE, O. **PELÉ: o supercampeão**. São Paulo: Makron Books, 1993.

FARINATTI, P., T., V. **Criança e Atividade Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

FILIN, V., P., VOLKOV, V., M. **Seleção de Talentos nos Desportos**, Londrina: Midiograf, 1998.

FREIRE, J., B. **De Corpo e Alma: o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.

_____. **Pedagogia do Futebol**. Rio de Janeiro: Ney Pereira, 1998.

GARCIA, C. Estratégia Z: a fórmula dos campeões. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 17/05/1998 (consulta na *Internet* em agosto de 1999). Caderno Domingo, www.jt.com.br/noticias/98/05/17/do11.htm.

Guia do Brasileiro 99. **Revista Placar Especial**, São Paulo, Abril, julho, 1999.

LAKATOS, E., M., MARCONI, M., A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1986.

LAWTHER, J., D. **Psicologia Desportiva**. Rio de Janeiro: Forum, 1973.

MONTAGNER, P., C. **Esporte de Competição x Educação? o caso do basquetebol**. Piracicaba, Dissertação de Mestrado, UNIMEP – Faculdade de Educação Física, 1993.

- MOREIRA, W., PELLEGRINOTTI, L., HEBLING, J., C. **Futebol Evolução**, o ser humano, a técnica e o espetáculo. Piracicaba: Unimep, 1992.
- SABOCK, R., J. **The Coach**. Champaign: Human Kinetics, 1985.
- SALES, J., M., FONTES, A., LAGEMANN, R. **O Sonho no País do Futebol**. Vídeo Documentário GNT, 1998.
- Show Não Pode Parar, O. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 12/07/1998 (consulta na *Internet* em agosto de 1999). Caderno Domingo, www.jt.com.br/noticias/98/07/12/do.htm.
- SINGER, R., N. **Psicologia dos Esportes**: mitos e verdades. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1977.
- SOBRAL, F. **O Adolescente Atleta**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- TAVARES, F. O Processamento da Informação nos Jogos Desportivos. In: GRAÇA A., OLIVEIRA, J. **O Ensino dos Jogos Desportivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.
- TUBINO, M., J., G. **Metodologia Científica do Treinamento Desportivo**. São Paulo: Ibrasa, 1979.

WEINECK, J. **Biologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

_____. **Treinamento Ideal**: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil. São Paulo: Manole, 1999.

ZANINI, T. Garrincha: encanto e tragédia. **Revista Atleta Profissional**, São Paulo, Stadium, v. 1, n. 3, 1997. p. 6 – 14.

ANEXO

1- Características do Ambiente:

Local e condições na qual a “peneira” é feita.

2- Sistema de Seleções.

Organização:

2.1- Como é feito o cadastramento?

Verificar:

- *qual/quais épocas do ano;*
- *se há taxa de inscrição;*
- *exame médico;*
- *questionário pessoal;*
- *organização estrutural: faixas etárias e categorias.*

2.2- Como é feito o procedimento?

Verificar:

- *se o candidato recebe um dia definido para a seleção;*
- *como é feita a divisão: idade cronológica e biológica;*
- *como é feito a divisão de posições;*
- *quantos coletivos são aplicados;*
- *tempo de coletivo;*

- *encaminhamento: aproveitamento; caso de dúvidas; novas chances e etc;*
- *quantos são os processos de seleção: indicação, “peneira”, escolinhas e/ou clubes conveniados.*

Estratégias:

2.3- Quais são os critérios de avaliação?

Verificar:

- *se interesses específicos do clube interferem na avaliação do técnico;*
- *que leva a pensar que este ou aquele é um talento: qualidades técnicas, táticas, cooperativas, etc.;*
- *quantos aproximadamente são aprovados;*
- *os olheiros.*

3- Recursos Humanos.

Quem são as pessoas que aplicam as peneiras?

Verificar:

- *formação dos responsáveis;*
- *quantos atuam;*
- *modo de atuação (equipe, individual, etc);*
- *tomada de decisões;*
- *experiência no assunto.*

4- Observações Pessoais do Pesquisador/ Entrevistador.

O sistema de seleção é errado, certo ou relativo?